

Imaginários Concretos, Ruínas Imaginárias: Disputas e Representações sobre a Ruína da Catedral Neorromânica em Jornais do Natal em Modernização (1930–1970)

Imaginarios Concretos, Ruinas Imaginarias: Disputas y Representaciones sobre la Ruina de la Catedral Neorrománica en los Periódicos del Natal en Proceso de Modernización (1930–1970)

E6_06 - El patrimonio cultural urbano: construcciones desde la historiografía.

Mayse de Oliveira Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
mayse.bezerra.704@ufrn.edu.br

Natália Melchuna Madruga

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
natalia.mmadruga@gmail.com

Rebeca Grilo de Sousa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Rebecagrilo.s@gmail.com

Resumo: As ruínas adentram na historiografia como matéria e como símbolo, lidas pelos românticos como *vanitas* monumentais, indicadoras do último ciclo de um povo. A modernidade, porém, denuncia edificações de simbolismo efêmero, que se desdobram na matéria de seu colapso precoce, o que Nick Yablon denomina como “Ruínas de um dia”. A construção da Catedral Metropolitana de Natal exemplifica esse processo, que se mostra como caso limite, tendo em vista que os templos, enquanto marcos simbólicos religiosos, para além da função de culto e celebração, consolidam-se na memória e nas referências urbanas dos cidadãos. Mesmo com a cessão da Praça Pio X para abrigar o sonho da 'nova catedral', remanchou-se quase um século para se concretizar. Sob os ecos da Brasília recém-inaugurada, há o abandono da obra e arruinamento precoce da catedral neorromânica (1954–1973) para a construção de sua versão moderna, revelando que o templo possuía relevância no imaginário natalense em uma cidade em “processo de modernização”. Este artigo analisará, sob a perspectiva da História Cultural, a história da esquecida Catedral Neorromânica de Natal, como o processo de construção, abandono e demolição de um edifício pode revelar disputas de imaginários urbanos e simbólicos.

Utilizando das chaves analíticas da Análise do Discurso e do Paradigma Indiciário, busca-se entender as representações desses embates mobilizados em jornais publicados entre 1930 e 1970, mormente em discursos dos cronistas da época, e seus desdobramentos na imaginação na materialidade urbana. Os resultados prévios apontam que a morosidade era multifatorial, feneciam-se os imaginários de suas versões neogóticas, neorromânicas e mesmo modernistas, e isto se dava de modo assíncrono aos fatores materializadores de um templo complexo a ser construído em uma cidade, como disse o historiador natalense Câmara Cascudo em 1948, fadada a ser “sempre nova”.

Palavras-chave: Ruínas; Imaginários; Representações; Modernismo; Modernização Urbana

Resumo: *Las ruinas ingresan en la historiografía tanto como materia como símbolo, leídas por los románticos como vanitas monumentales, indicadoras del último ciclo de un pueblo. La modernidad, sin embargo, denuncia edificaciones de simbolismo efímero, que se despliegan en la materialidad de su colapso prematuro, lo que Nick Yablon denomina “ruinas de un día”. La construcción de la Catedral Metropolitana de Natal ejemplifica este proceso, configurándose como un caso límite, considerando que los templos, en tanto hitos simbólicos religiosos, más allá de su función de culto y celebración, se consolidan en la memoria y en las referencias urbanas de los habitantes de la ciudad. Aun con la cesión de la Plaza Pío X para albergar el sueño de la “nueva catedral”, transcurrió casi un siglo hasta su concreción. Bajo los ecos de la recién inaugurada Brasilia, se produjo el abandono de la obra y el arruinamiento prematuro de la catedral neorrománica (1954–1973) para la edificación de su versión moderna, revelando que el templo poseía relevancia en el imaginario natalense dentro de una ciudad en “proceso de modernización”. Este artículo analizará, desde la perspectiva de la Historia Cultural, la historia de la olvidada Catedral Neorrománica de Natal, examinando cómo el proceso de construcción, abandono y demolición de un edificio puede revelar disputas de imaginarios urbanos y simbólicos. A partir de las claves analíticas del Análisis del Discurso y del Paradigma Indiciario, se busca comprender las representaciones de estos enfrentamientos movilizadas en periódicos publicados entre 1930 y 1970, especialmente en los discursos de los cronistas de la época, y sus desdoblamientos en la imaginación y en la materialidad urbana. Los resultados preliminares indican que la morosidad fue multifactorial; los imaginarios de sus versiones neogótica, neorrománica e incluso modernista se extinguían, y ello ocurría de manera asincrónica respecto de los factores materializadores de un templo complejo por erigirse en una ciudad que, como afirmó el historiador natalense Câmara Cascudo en 1948, estaba destinada a ser “siempre nueva”.*

Palabras-clave: Ruinas; Imaginarios; Representaciones; Modernismo; Modernización Urbana.

Introdução

Templos, enquanto marcos simbólicos, para além de sua função de culto e celebração, consolidam-se como referências fundamentais na memória dos cidadãos e na paisagem urbana. Por vezes, tornam-se espaços de disputa em torno do imaginário que deveriam assumir, especialmente no contexto da modernização das cidades brasileiras entre o final do século XIX e meados do século XX. De um lado, observa-se a permanência de abordagens ecléticas, associadas a ideais de tradição baseadas em referenciais europeus; de outro, o desenvolver e consolidação do modernismo, cuja arquitetura se orientava por princípios de funcionalidade e austeridade.

A tensão entre tradição e modernidade, pode ser ilustrada pela trajetória do processo de construção da Catedral Metropolitana de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Hoje, a Catedral de arquitetura moderna, marcante na paisagem de um dos principais bairros da cidade, foi antecedido por outros projetos arquitetônicos que remontam aos sonhos e articulações do Padre João Maria ainda no final do século XIX. A edificação inacabada passou, então, a ser interpretada como ruína, integrando-se à paisagem urbana até sua demolição, em 1973. A dualidade da ruptura e continuidade desse episódio revela os meandros do que se entende inicialmente como uma mera etapa na tecitura da cidade do Natal que, assim como várias cidades brasileiras no período, passava a vivenciar de maneira cada vez mais acelerada os processos de modernização. A Catedral Metropolitana, dentre todas as suas versões reais e imaginadas, teve na versão Neo-românica a manifestação das contradições inerentes a uma cidade na periferia do capitalismo¹: arruinada antes mesmo de ser finalizada.

A precocidade do arruinamento da Catedral seria, então, uma variação das “Ruínas de um dia” (Yablon 2009, p.20), conceito segundo o qual as ruínas são produtos de um processo acelerado de produção e refazimento do espaço, catalisado pelo capital — sendo esta a hipótese que mobiliza a pesquisa. Como objetivo, o artigo se propõe a examinar as etapas do processo de concepção da Catedral Metropolitana de Natal, mais especificamente, a história da esquecida Catedral Neorromânica (1955-1973), entendendo como o seu processo de construção, abandono e demolição pode revelar disputas de imaginários urbanos e simbólicos, em um contexto de modernização em uma capital na periferia do capitalismo. Essa trajetória, que levou à consolidação do projeto modernista de Marconi Grevi, é pouco mencionada e progressivamente apagada da memória urbana potiguar.

A pesquisa documental foi realizada tendo como tema norteador o processo da construção da Catedral Metropolitana de Natal, encontrados em quatro jornais locais: A República, O Diário de Natal, O Poti e A Ordem, periódicos vinculados à plataforma Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Como procedimento metodológico, utilizou-se a pesquisa por palavras-chave (catedral metropolitana; projeto neorromânico; arquiteto Calixto de Jesus Neto; nova igreja) relacionadas à temática, considerando o recorte espacial e temporal definido (Natal, 1930–1979), resultando em mais de duzentas ocorrências totais compulsadas. Em um segundo momento, se elaborou uma linha do tempo para balizar a quantidade de projetos que se repuseram sobre o local da Catedral. A seguir, buscou-se compreender os imaginários emergentes a partir das representações sobre ruínas da Catedral Neorromânica a partir da perspectiva da História Cultural Urbana. Apesar do levantamento de dados ter resultado em diversas representações, estas foram mobilizadas em torno de um evento específico, capaz de evocar sentimentos, ações, críticas e disputas simbólicas,

¹ Termo cunhado por Beatriz Sarlo (1988) em “Uma modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930”

intensificando tensões e conflitos; apoiando-se, também, na teoria do *Paradigma Indiciário* de Carlo Ginzburg (1991, p.144 -149).

Os resultados aqui apresentados entrelaçam duas perspectivas sobre as ruínas da Catedral Metropolitana de Natal: A primeira, história factual e documental, construída a partir da descrição dos eventos, dos projetos arquitetônicos e das decisões institucionais que marcaram seu processo de edificação. A segunda é uma história construída a partir das entrelinhas das fontes jornalísticas, na qual emergem sentimentos, expectativas, tensões e imaginários que acompanharam os diferentes projetos para a Catedral.

Ruínas de um dia

As ruínas adentram na historiografia como matéria e como símbolo, lidas pelos românticos como *vanitas* monumentais, indicadoras do último ciclo de um povo. A origem e caráter polissêmico provocam ao observador “reflexões sobre suas histórias, seus processos, os significados do passado para o presente, a natureza da História em si como um ciclo eterno, progresso, apocalipse, ou processo dialético assassino” (Hell, Schönle, 2010, p.1).

A acepção das ruínas quanto à sua gênese, natureza e permanência é um desafio ontológico que dialoga com várias vertentes dos estudos de humanidades e, para a História Cultural Urbana, a materialidade das periferias do capitalismo se apresenta como questão emergente para compreender as vicissitudes que contribuem para a compreensão desses fragmentos monumentais. Para o olhar europeu, as *Ruínas Precoces*, ou *Ruínas de um dia* [de idade] (Yablon, 2009, p.19) presentes nos territórios colonizados rompem com o conceito de estas serem a etapa final do curso cíclico de um império, de longa duração. Os Estados Unidos da década de 1830 fizeram com que Alexis de Tocqueville assinalasse que as ruínas se desenvolviam com a mesma velocidade em que a avidez pelo inexplorado se manifesta, porque “o homem avança tão rapidamente [sobre o território] que a natureza retoma seu espaço logo atrás dele” (1835,p.283). Para Marc Augé — após ter seu olhar europeu provocado pela cidade de Jacqueville (Costa do Marfim) na década de 1960 — ao se deparar com um conjunto de edificações septuagenárias, as leu como ruínas, ainda que para os locais não necessariamente possuíssem esse *status*, acentuado pelo emprego de materiais, técnicas e usos tradicionais que foram suplantados por elementos dos colonizadores, ostracizando as edificações originais (2004, p.26–28).

A modernidade revela distorções e ampliações sobre a acepção do termo ruínas. O estranhamento patente para o olhar europeu sobre as cidades de colônia revelam um curso diverso àquele consagrado pela arte e filosofia; ao invés de *barbárie*, *estado pastoril*, *auge do império*, *destruição* e *desolação*². A dialética das ruínas entre presença e ausência, fragmento e completude, recorrente para a acepção inicial do termo, pode ser contraposta na modernidade com uma alusão ao Anjo da História benjaminiano. A *Ruína da Modernidade*, produto do acelerado modo de produção capitalista, não estabelece as cinco etapas do ciclo civilizatório clássico, seus espaços se organizam no puro “compromisso com progresso que lança indivíduos e espaços ao lixo” (Schönle, 2010, p.8). Lévi-Strauss, deslindando as cidades do Novo Mundo, as enxergava como vítimas da passagem do tempo, condenadas a serem “perpetuamente jovens” (1935, p.97). A sua

² O “translatio imperii” era tema comum presente na filosofia e nas artes, como a série de cinco telas “O curso do Império” do pintor Thomas Cole, na década de 1830.

autenticidade, outrossim, supera a velocidade e a origem de seu fenecimento, se legitima por abrigar em si imaginários que se tornaram suspensos no tempo.

Breve história da Catedral Metropolitana de Natal

A história da Catedral Metropolitana de Natal³ é muito anterior aos projetos modernistas e até mesmo à Catedral Neorromânica. A primeira catedral da cidade foi a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, localizada no bairro da Cidade Alta, junto ao Marco Zero, construída na fundação da cidade em 1599.

No entanto, com o passar dos séculos, a cidade e a população cresceram, processo que se intensificou durante os séculos XIX e XX. Assim, a Igreja Matriz, mesmo após derrubada, reconstruída e algumas vezes reformada, não conseguiu suprir as demandas dos fiéis. Então, surgiu a necessidade de construção da nova Catedral, iniciativa que partiu dos esforços do Padre João Maria⁴ que, ao obter da prefeitura o terreno onde posteriormente seria a Praça Pio X⁵, situada no mesmo bairro, deu início à construção da chamada “Igreja Nova”⁶. A obra, porém, foi interrompida, e após a morte do padre em 1905, quem deu prosseguimento ao plano de uma nova Catedral para Natal foi o Arcebispo Dom Marcolino⁷, seguido de Dom Eugênio Sales⁸ e posteriormente Dom Nivaldo Monte⁹.

Entre idas e vindas, o projeto da Nova Catedral perdurou até a década de 1970. Ao longo desse período, a concepção estilística da arquitetura sofreu alterações que suscitaram diversos debates que podem ser lidos como representativos das disputas de imaginários e desafios existentes em uma cidade que se modernizava. A seguir, apresentam-se os projetos que marcaram essa trajetória.

³ A cidade do Natal, capital do Rio Grande do Norte, foi fundada já sob o *status* de cidade em 1599. Suas construções, inicialmente concentradas nos bairros da Ribeira e de Cidade Alta para vigiar a foz do Rio Potengi, acabaram seguindo o traçado das dunas e das orlas marítima e fluvial.

⁴ Padre João Maria (1848–1905) foi um importante sacerdote potiguar, por conta de seus trabalhos de assistência social em Natal, conhecido como “Pai dos Desvalidos”. Saiba mais em: <https://www.arquidiocesedenatal.org.br/post/padre-jo%C3%A3o-maria-o-anjo-de-natal>

⁵ A partir da doação da fiel Sofia Roselli para a Igreja, o terreno da atual Catedral perpassou por uma breve regularização, conduzida por Dom Marcolino Dantas, em 1929, juntamente à elaboração de um projeto. A inércia do processo de construção, levou o prefeito José Augusto Varela a instalar ali a Praça Pio X em 1944, até o projeto da catedral ser finalmente retomado em 1955 (Souza, 2001).

⁶ Até o momento do desenvolvimento desta pesquisa não foram encontrados registros do desenho da catedral idealizada pelo Padre João Maria, apesar deste ser mencionado nos levantamentos realizados.

⁷ Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas (1888–1967): 4º Bispo e 1º Arcebispo Metropolitano de Natal. Sua gestão ocorreu entre 1929 e 1961.

⁸ Dom Eugênio de Araújo Sales (1920-2012), foi um importante Cardeal potiguar e uma das figuras mais expressivas da Igreja Católica no Brasil, precursor de importantes ações socioeducativas de alcance nacional. Fundou o Serviço de Assistência Rural (SAR) e a Campanha da Fraternidade. Foi Arcebispo de Salvador (Primaz do Brasil) e do Rio de Janeiro.

⁹ Dom Nivaldo Monte (1918–2006) foi uma das figuras religiosas mais influentes do Rio Grande do Norte. Assumiu o comando da Arquidiocese de Natal em 1967, cargo que ocupou por mais de 20 anos até sua renúncia em 1988, e inaugurou a Catedral de Natal e construiu a Casa de Campo do Clero, em Emaús.

Catedral Neogótica (1933)

O primeiro projeto da Catedral que se tem conhecimento¹⁰ é de estilo Neogótico (Figura 1), que data de 1933, estando assim inserido em um contexto social e urbano completamente diverso daquele em que o Padre João Maria idealizou o templo — no final do século XIX e início do XX¹¹. Na década de 1930, Natal estava inserida em um processo de modernização urbana, semelhante ao que aconteceu em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Esse processo envolveu transformações sociais e físicas nas cidades, orientadas por ideais de progresso e civilidade baseados em modelos europeus¹². Nesse período, o terreno doado para a Catedral estava inserido no eixo de remodelação urbana.

O arcebispo da época, D. Marcolino, em 1933, apresentou o projeto do engenheiro e arquiteto francês Georges Munier¹³. A proposta, inspirada nas catedrais góticas alemãs, reforçava os referenciais europeus na estética do templo.

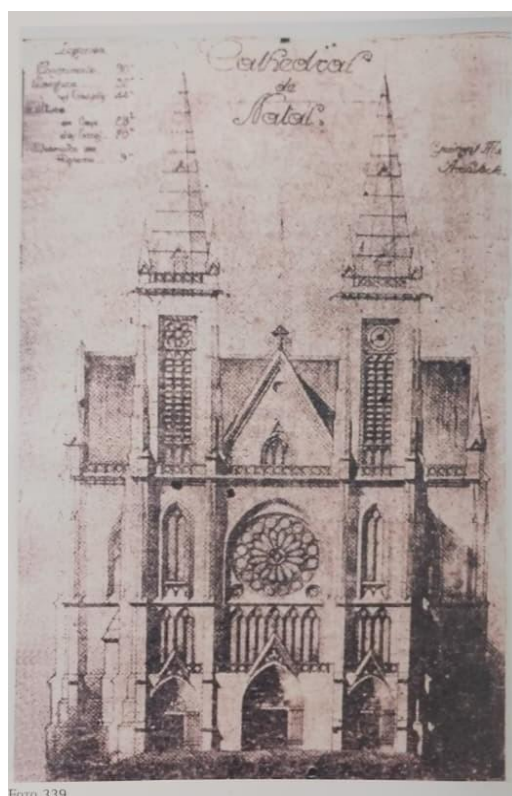


Figura 1: Fachada da proposta realizada por Munier. Fonte: Miranda (1981)

¹⁰ Pesquisa feita em jornais locais, livros e Atas da Câmara dos Vereadores

¹¹ De acordo com dados do IBGE a população recenseada de Natal em 1900 era de 16 056 habitantes. Dez anos depois, em 1910, a população chega a 27 032 habitantes. Em 1930, Natal estava com 43 149 habitantes.

¹² Em Natal, essas transformações começaram no início do século XX, durante a gestão do governador Alberto Maranhão (Primeiro mandato em 1900–1904; segundo mandato em 1908 -1914), período em que foram feitas obras, ruas para calçamento de ruas, praças foram ajardinadas, foi inaugurado o bairro Cidade Nova (atualmente divide-se entre os bairros Tirol e Petrópolis localizados na Zona Leste da capital), o primeiro bairro planejado da cidade. Além disso, tiveram avanços tecnológicos como a implantação da iluminação e bondes elétricos e passou a existir uma vida social e cultural nos cinemas, teatros e salões de bailes.

¹³ Georges Munier (1895–2000): arquiteto francês, autor da Catedral Metropolitana de Fortaleza. Ver mais em: Projeto da nova Catedral de Natal. A República, Natal/RN. 12 de maio de 1967, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/031151_04/827. Acesso em: 19 de janeiro de 2026.

Apesar do empenho na construção da nova catedral, a sua continuidade foi impossibilitada, dado que a recém-estabelecida arquidiocese não possuía a verba necessária. Embora os planos existissem há tempos, o projeto permaneceu engavetado até se tornar obsoleto tanto no estilo quanto nas suas dimensões.

Projeto Neorromânico (1954)

Após quase duas décadas de poucos avanços, a mobilização para a construção da Catedral Metropolitana de Natal reiniciou com a apresentação de um novo projeto em 1954, sob a liderança do Bispo Auxiliar-Dom Eugênio Sales, reunindo diferentes setores da sociedade potiguar (Figura 2).

O projeto apresentado para a Nova Catedral foi elaborado pelo arquiteto Calixto de Jesus Neto¹⁴, o qual previa uma estrutura em formato de cruz latina, seguindo a tradição das edificações católicas, com dimensões internas de 80 m de extensão por 72 m de largura. A edificação teria capacidade para abrigar seis mil fiéis.

Começará neste mês a construção da nova Catedral da Capital! Norte - Rio - Grandense

Haverá importante reunião para tratar do palpitante assunto
Presidência do sr. Bispo Auxiliar, Dom Eugênio Sales

Um dos pontos mais significativos nas comemorações do cinquentenário da morte do padre João Maria, antigo vigário de Natal e iniciador da construção da chamada Igreja Nova, será o início, nesta capital, das obras de construção da majestosa Catedral Metropolitana, o que ocorrerá neste mês de Outubro.

Para tratar do importante assunto, haverá, hoje, às 19.30 horas, na Catedral de N. S. da Apresentação uma reunião sob a presidência de Dom Eugênio de Araújo Sales, com o comparecimento de sacerdotes, religiosos, Ação Católica, representantes das associações religiosas, dos Colegios e instituições sociais.

Nessa reunião, será dado a conhecer o plano geral da grande campanha, que incluirá todo o povo do Rio Grande do Norte, pois todos serão chamados a contribuir com seus auxílios para o grandioso empreendimento.

Centro de Estudos Prof. Vale Miranda
Da Faculdade de Farmácia e Odontologia — Técnica dr. Artur Chagas

Aproveitando a presença em Natal do Dr. Augusto da Mota Borges, o Centro de Estudos, Prof. Vale Miranda, do Diretorio Acadêmico da Faculdade de Farmácia e

Projeto da futura catedral de Natal, de autoria do arquiteto Calixto de Jesus Neto, que será construída no terreno onde, hoje, se acha a praça Pio X, no cruzamento da avenida Deodoro com as ruas João Pessoa, Jundiá e Açú, na Cidade Alta. O majestoso templo comportará duas mil pessoas sentadas e quatro em pé, medindo dentro e dentro 80x72 metros, com altar mor no centro da nave, e outros altares laterais. Duas torres e moderna fachada, com jardins são outras características da nossa catedral metropolitana.

Figura 2: Perspectiva do projeto Neorromânico. Fonte: O Poti, Natal/RN. 1 de outubro de 1955, p. 8

Devido à magnitude da obra, estimou-se um prazo de execução entre dez e vinte anos. É possível constatar, na mídia de 1956, as dificuldades financeiras para viabilizar a obra. Diversas frentes de arrecadação foram estabelecidas, como a “campanha de um cruzeiro”(Campanha popular pró construção da Catedral, 1955, p. 8) a venda de flâmulas e a organização de sessões beneficentes no Cine Rio Grande com a exibição do filme “A condessa descalça” (A condessa descalça, 1956,

¹⁴ Benedito Calixto de Jesus Neto: arquiteto, professor e responsável pelo projeto da Basílica de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo. Ver mais em: NOVO PROJETO DA CATEDRAL METROPOLITANA. O Poti, Natal, 22 de junho de 1955, p. 4. Vida Religiosa. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/031151_01/2284. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

p. 3). Além da mobilização popular, coordenada por comissões da sociedade civil, a iniciativa obteve suporte institucional inédito: a Prefeitura de Goianinha tornou-se o primeiro município potiguar a formalizar um auxílio financeiro contínuo. Por meio de lei aprovada pela Câmara de Vereadores, foi garantido o repasse anual de cinco mil cruzeiros até o término da construção do templo (Auxílio mensal de 10 mil cruzeiros para as obras nova catedral de natal, 1955, p.4) Essa conjuntura demonstra que o imaginário da Nova Catedral ultrapassava os limites da capital, era também de interesse de outros municípios do estado, indicando a relevância da construção deste edifício enquanto marco simbólico.

A proposta Neorromânica, contrariamente ao projeto anterior (a Catedral Neogótica), avançou em sua construção, manifestando a transição do que Adrian Gorelik (2004) denomina como imaginário para imaginação urbana, finalmente manifesto na realidade. Posteriormente, os jornais destacam que o “abandono” de projeto se deu em prol de, na ocasião, dom Eugênio Sales priorizar financeiramente a implantação de obras sociais no interior do estado¹⁵. Concomitantemente, o abandono foi catalisado pelas mudanças do Concílio Vaticano II¹⁶ em relação à arquitetura e às liturgias das igrejas. Assim o projeto de Calixto tornou-se “obsoleto”¹⁷ e teve que ser arquivado. Estilisticamente caducado, a catedral inacabada se torna uma ruína na paisagem da cidade — que seria por fim demolida em 1973.

Conforme os estudos de Silveira (2011, p.15-21), entre as décadas de 1940 e 1960, a arquitetura religiosa no Brasil consolidou-se como um indicador central de progresso ao alinhar-se a uma cultura política desenvolvimentista que associava a eficácia da técnica à instauração da modernidade. Tal processo envolveu a substituição deliberada de templos antigos — frequentemente vistos como amarras a um passado colonial de “atraso” — por novas estruturas em concreto armado que refletiam a racionalidade e a “mentalidade nova” do homem moderno, em uma tentativa de “exorcizar” raízes consideradas obsoletas. Esta transição foi legitimada pela convergência entre a estética funcionalista de marcos do governo do presidente Juscelino Kubitschek (JK) como a Pampulha e Brasília e os princípios do Movimento Litúrgico, que privilegiava o cristocentrismo e a simplicidade em detrimento da suntuosidade ornamental do passado.

A Catedral Moderna:

Em Natal, o pensamento das autoridades responsáveis pela obra da Catedral Metropolitana não era diferente. Anos após a paralisação da construção, em julho de 1966, os meios de comunicação da época destacam que a proposta de construir a nova catedral seguindo o estilo “clássico” foi abandonada. Em seu lugar, planejava-se uma edificação funcional, inspirada em grandes galpões

¹⁵ CATEDRAL TERÁ PRIMEIRA ETAPA CONCLUÍDA EM 1978. O Poti, Natal. 02 de julho de 1978. p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/031151_03/8562. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

¹⁶ Essas novas orientações se deram a partir do Concílio Vaticano II (1964-1966), foi precedido por décadas de efervescência no Movimento Litúrgico, que buscava transformar a celebração da missa em uma verdadeira assembleia do povo de Deus. Essa renovação, que ganhava força desde os anos 1930, defendia o “cristocentrismo”, princípio segundo o qual toda a composição arquitetônica deveria convergir para o altar, eliminando ornamentos excessivos que funcionavam como “armazéns de entulhos” e dispersam a atenção dos fiéis (Schubert, 1964).

¹⁷ D. NIVALDO APRESENTA PROJETO DA CATEDRAL. Diário de Natal/RN. 01 de dezembro de 1972, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/028711_02/8097. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

— como o Palácio dos Esportes de Natal¹⁸ — visando acomodar um público maior e reduzir os custos da obra (Catedral funcional, 1966, P. 3).

Meses depois, em agosto de 1967, o arcebispo Dom Nivaldo Monte comunicou oficialmente o reinício das obras da nova Catedral. O projeto foi reformulado para seguir um padrão mais simples e moderno, utilizando estruturas metálicas em sua composição e buscando no modernismo a garantia de uma solução rápida, econômica e capaz de abrigar mais fiéis.

O discurso da racionalidade técnica tornou-se, na verdade, uma nova forma de sacralidade, onde a eficiência do concreto e do moderno assumiu um papel de redenção diante do passado (Silveira, 2011, p. 5). Com a ampla aceitação da arquitetura moderna nos templos religiosos, (*ibid.*, p. 15-18), a década de 1950 pode ser identificada como o período de maior incidência de projetos modernistas voltados à arquitetura religiosa, resultado da onda de otimismo desenvolvimentista do governo JK e a construção de Brasília. Pois, se tinha um determinismo ambiental na visão dos arquitetos: a crença de que edifícios modernos poderiam atuar como “centros irradiadores” de progresso, rompendo com o “atraso” colonial das populações locais¹⁹.

Projeto dos alunos da Faculdade de Engenharia - 1967

A primeira proposta, de linguagem modernista, foi o anteprojeto sugerido pelos alunos da Faculdade de Engenharia (UFPE), como podemos observar na figura 3. Este “recebeu o aval entusiasta do clero”, registrado pelo periódico Diário de Natal (Desenho da catedral já está pronto e pode ser aprovado pela comissão, 1968, p.3).

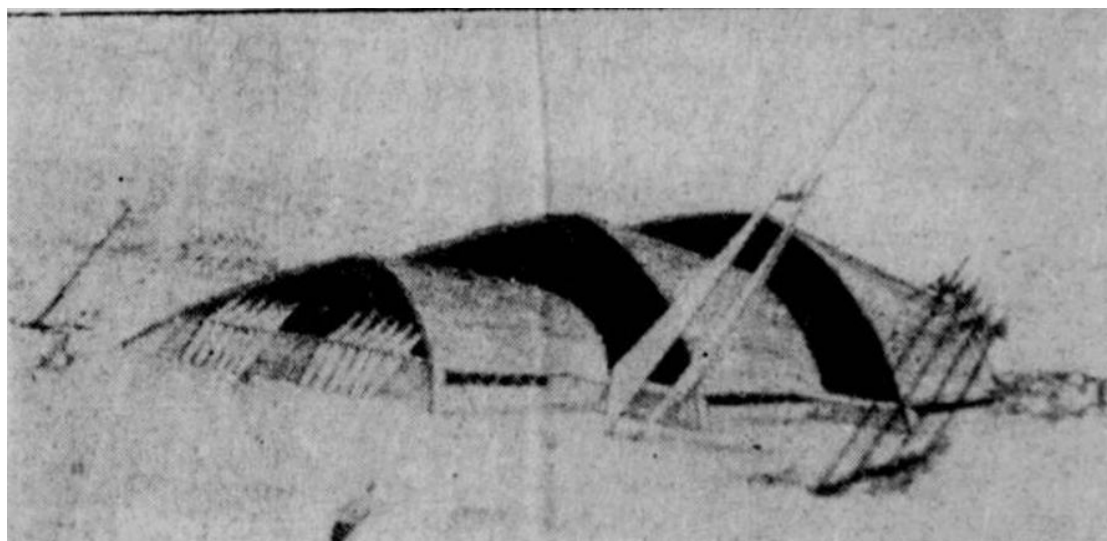


Figura 3: Perspectiva do projeto. Fonte: Diário de Natal, Natal/RN. 11 de maio de 1967, p. 8.

¹⁸ O Palácio dos Esportes de Natal, utilizado como referência para o projeto da Nova Catedral, é uma edificação de linguagem arquitetônica modernista, inaugurada em 1963, durante a gestão do prefeito Djalma Maranhão, reconhecido por difundir o modernismo na cidade por meio da implantação de edifícios públicos nesse estilo arquitetônico.

¹⁹ Essa mentalidade foi alimentada por centros como a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina) e o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), que viam na industrialização e na técnica o caminho para o Brasil sair de sua condição “periférica”.

A edificação seria composta por três estruturas de metal, apresentando em sua fachada três vitrais projetados para otimizar a circulação de ar. De início, o espaço dos vitrais seria ocupado por cobogós. As dimensões decrescem do bloco posterior (40×35 metros) para o central (30×25 metros) e o frontal (10×10 metros).

Os jornais da época destacam ainda que a comissão avaliadora era formada por leigos. Mas mesmo antes do resultado, já havia críticas ao projeto, tido como “anti-estética” e que se assemelhava a um galpão mundano, não um templo.²⁰

Projeto de João Maurício Miranda (1968) ²¹

O arquiteto João Maurício Miranda apresenta sua proposta preliminar do projeto para a Catedral, sendo destacado pelo jornal Diário de Natal como “Melhor projeto para a Catedral recusado pela Arquidiocese” (Melhor projeto para a catedral foi recusado pela arquidiocese, 1968, p. 8) como podemos observar a perspectiva arquitetônica na figura 4:

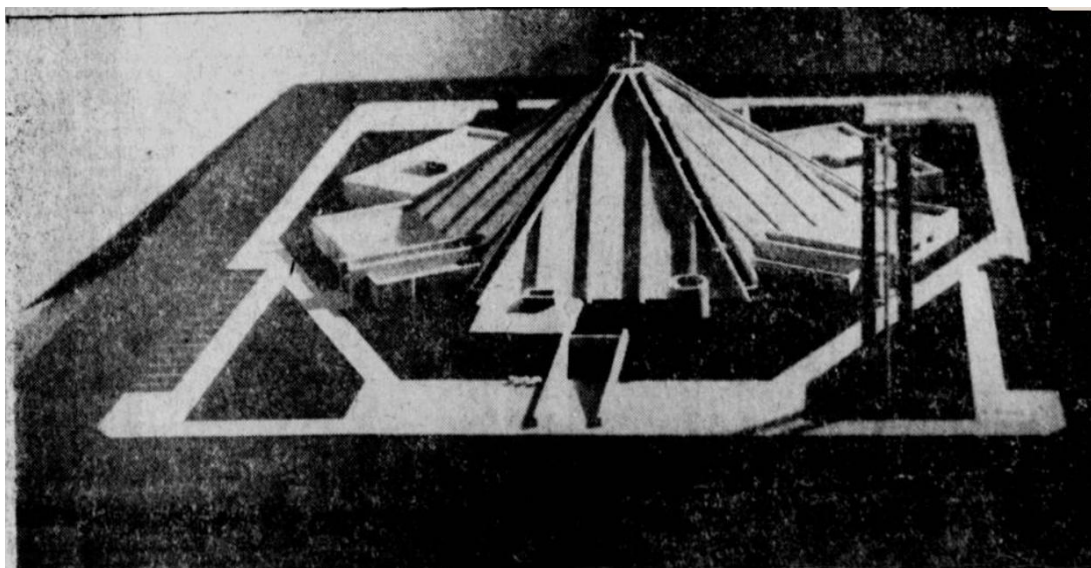


Figura 4: Perspectiva do projeto de João Maurício Miranda. Fonte: Diário de Natal, Natal/RN. 25 de agosto de 1967, p. 8.

O projeto buscava unir monumentalidade e funcionalidade. Construída em concreto armado, a catedral teria como marca uma cúpula de 17 metros de altura. A organização interna priorizava a vida comunitária: além das capelas laterais e do batistério, a nave central rebaixada e a disposição dos fiéis em semicírculo criaram um ambiente de proximidade em torno do altar. A sobriedade seria a regra no interior, com poucos elementos decorativos além da mesa de mármore e da cruz. A viabilidade do projeto foi comprometida pelo expressivo custo de implementação.

²⁰Arquiteto João Maurício à reportagem do DN: Catedral-Balcão é anti-estética. Diário de Natal, Natal/RN. 30 de junho de 1968, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/028711_01/21852. Acesso em: 20 de janeiro de 2026.

²¹João Maurício Miranda: arquiteto, urbanista, escritor e artista renomado de Natal, RN, conhecido por seu pioneirismo na arquitetura moderna potiguar. Ver mais em: MEMÓRIA Viva entrevista João Maurício de Miranda. Portal de Notícias da UFRN, Natal, 30 out. 2023. Disponível em: <https://www.ufrn.br/imprensa/noticias/75976/memoria-viva-entrevista-joao-mauricio-de-miranda>. Acesso em: 19 jan. 2026.

Projeto de Luciano Toscano (1971)

A proposta do desenhista Luciano Toscano para a construção da nova Catedral de Natal previa uma estrutura inovadora para o desenvolvimento da arquitetura na cidade, semelhante à catedral de Brasília, a natalense também seria subterrânea, planejada para ocupar integralmente a área do terreno na Praça Pio X (Figura 5).

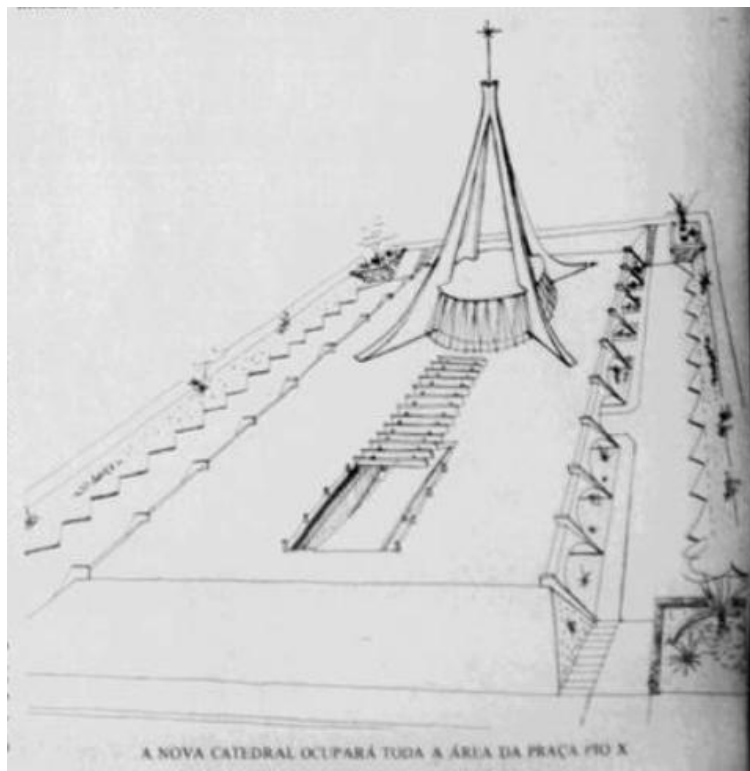


Figura 5: Perspectiva do projeto de Luciano Toscano. Fonte: Diário de Natal, Natal/RN. 26 de agosto de 1967, p. 8.

O projeto arquitetônico sugeria a divisão da obra em três pavimentos distintos, com destaque para a torre semelhante arquitetonicamente à de Brasília, alcançando 26 metros, somados a mais 7 metros da cruz instalada no topo (Confirmado: anteprojeto da catedral não será aprovado, 1971, p.8).

A proposta foi reprovada pelo Departamento de Controle Urbanístico da prefeitura. Dentre os motivos, a ausência de sistema de ventilação e da ocupação do terreno, que ultrapassava 40% do terreno da Praça Pio X. Outro ponto, é que o projeto não poderia ser aprovado pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura — CREA — haja vista que Toscano não era nem arquiteto, nem engenheiro.

Projeto de Marconi Grevi (1975)

O projeto criado pelo arquiteto Marconi Grevi²², aprovado em 1975 e, finalmente, executado no ano seguinte. Do ponto de vista conceitual, rompe com o tradicionalismo ao aderir fielmente às reformas litúrgicas do Concílio Vaticano II (Projeto da Catedral será muito simples, 1972, p. 7a.).

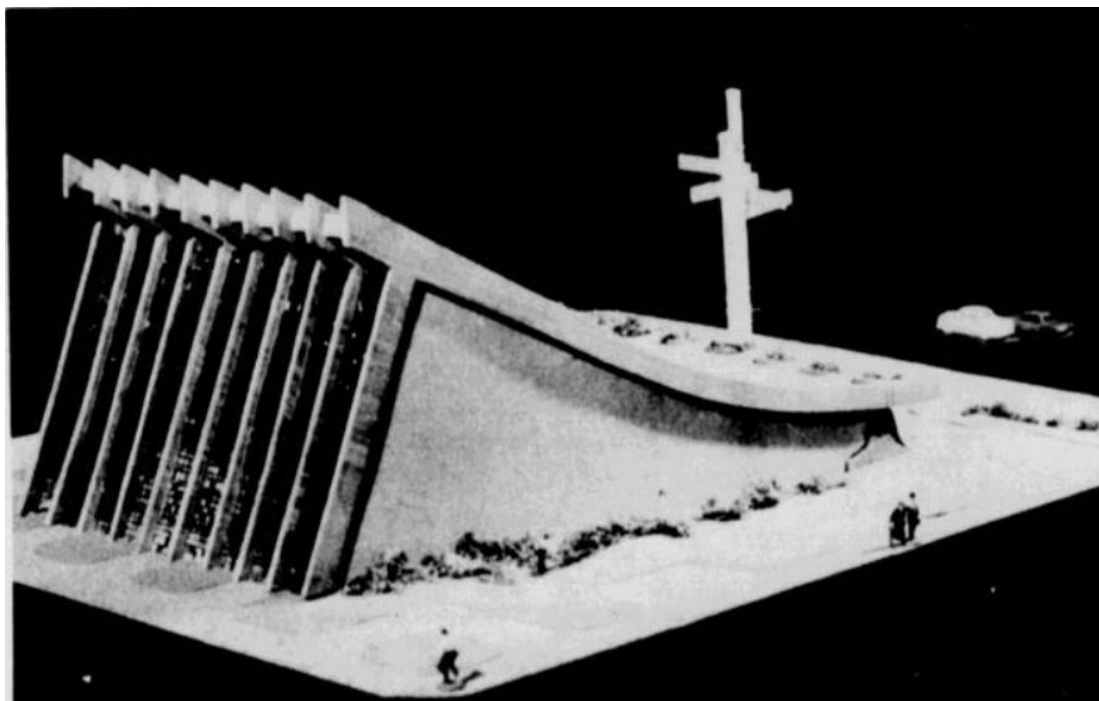


Figura 6: Perspectiva do projeto de Grevi. Fonte: Diário de Natal, Natal/RN. 4 de junho de 1972, p. 4.

Estruturalmente, o edifício divide-se em dois níveis: pavimento superior, que abriga a igreja propriamente dita em um grande vão livre de 2.500 m² e subsolo com 2.300 m². No âmbito urbanístico, o projeto destaca-se pela sua volumetria progressiva, com uma altura de 6m na fachada frontal que se eleva até 30 m na parte posterior (Figura 6).

A história da Catedral pelos jornais

O primeiro registro encontrado sobre os processos que envolveram a construção da Catedral Metropolitana de Natal pertence a Aderbal de França²³ (França, 1936, p.8), no qual o autor traz informação, conta brevemente a história da sonhada catedral e exprime sua opinião sobre a construção deste templo.

²² Marconi Grevi: arquiteto e urbanista potiguar, figura icônica da arquitetura modernista em Natal – RN, conhecido por projetar importantes edifícios como a Catedral Metropolitana de Natal e o Shopping Via Direta, e por sua atuação como professor.

²³ Aderbal de França escreve em um contexto na qual a cidade de Natal está passando por grandes transformações urbanas e sociais, relativas ao processo de modernização já explicado anteriormente. O jornalista, de certa maneira, era parte de uma elite intelectual local, que vivenciou, direta ou indiretamente, os processos de modernização urbana que ocorreram no início do século XX em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Assim, tratava-se de um grupo que recebia informações e referências do que acontecia nas cidades da Europa, dos Estados Unidos, nas grandes capitais e desse modo vislumbravam o que seria uma cidade moderna e a partir disso queriam “modernizar” Natal.

O cronista, ao descrever o projeto da Catedral Neogótica, apresenta indícios de suas expectativas em relação ao templo e a cidade do futuro. Primeiro, destaca o arquiteto Georges Munier, o caracterizando como francês de “valor confirmado” e descreve o projeto da Catedral como “com dimensões grandiosas, estilo dos grandes templos europeus, que o modernismo não conseguiu prejudicar” (França, 1936, p.8). Desse modo, demonstra a valorização de referências europeias, principalmente ao defender um estilo arquitetônico estrangeiro, historicamente deslocado. No parágrafo seguinte, França (1936) reforça essa ideia, indicando também o que vislumbrava para o futuro de Natal, dizendo que a construção desse projeto de catedral transformaria o local em um dos mais belos centros de religião do país.

Em outra coluna, o cronista fala da carta que recebeu de um leitor, o qual associa a morosidade na construção da nova catedral a uma desconsideração ao padre João Maria, colocando, de certo modo, em questão o compromisso religioso dos responsáveis pela obra. França (1952b) finaliza, citando a carta do leitor que diz “Urge uma providência reparadora do sonho de João Maria, e que na Catedral que Ele sonhou, idealizou e iniciou, não seja esquecida a homenagem que Ele merece e lhe é devida — um altar para Ele” (França, 1952b, p. 3).

A partir dos textos de França, percebe-se que a construção da Nova Catedral não era apenas de necessidade prática, mas também como parte do imaginário de modernidade em Natal e como uma questão vinculada à fé e à devoção religiosa. Em um texto publicado em 1955, o cronista Moreira de Aguiar converge: “uma catedral moderna, ampla, imponente, que não apenas sirva para atender ao progresso crescente da cidade, mas, também para comportar sem atropelos os fieis que comparecem às solenidades religiosas (...)” (Aguiar, 1955, p.07). Havia um interesse público para a realização da obra, o autor revela que mesmo os “indiferentes religiosos” estavam dispostos a cooperar com a doação de recursos.

Segundo o autor, D. Eugênio Sales consultou profissionais que convergiam: o gótico era inadequado para a paisagem da cidade. Então entende-se que, aproximadamente 20 anos depois do projeto apresentado, esse estilo já tinha ficado ultrapassado e esse fator iria guiar o desenvolvimento do novo projeto, que resultará na Catedral Neorromânica.

O projeto da Catedral Neorromânica, foi aprovado em 1955 e sua construção começou em 7 de fevereiro de 1956. Os jornais não apresentaram nenhuma opinião desenvolvida sobre o projeto, limitando-se em caracterizá-lo como uma “obra grandiosa”²⁴. Entretanto, a partir do início das obras, os relatos da imprensa demonstram o quanto que, mesmo inacabada, a edificação começou a fazer parte da rotina da cidade. Em 1957 e 1959 celebraram-se missas em homenagem ao aniversário de morte do Padre João Maria, realizadas na catedral em construção. Já nos jornais da década de 1960, a expressão “o lugar onde está sendo construída a nova catedral” passa a ser utilizada como referência espacial, indicando a incorporação da edificação, mesmo que ainda inconclusa, à dinâmica urbana de Natal.

A paralisação das obras criou espaço para alterações na descrição do templo, toma força o imaginário de um outro, “funcional em amplo galpão” (Catedral funcional, 1966, P. 3). Com o senso de retomada dos trabalhos, em matéria publicada em 1967 no Diário de Natal, Dom Nivaldo

²⁴ CINCO MIL PESSOAS COMPORTARÁ A CATEDRAL DE NATAL. O Poti, Natal/RN. 22 de junho de 1955. P.8. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=031151_01&pagfis=2280. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

explica que D. Eugenio, responsável pela condução da Catedral Neorromânica, teria priorizado a construção de uma “Igreja viva e atuante”, “já está construída a catedral de amor, agora vamos construir a catedral de pedra” (Bispo lança campanha da Nova Catedral, 1967, p. 6). Os arcos inacabados da Catedral deixam de ser apresentados como sinal de inaptidão ou fracasso e passam a simbolizar uma Igreja que se fortalecia por outros meios. Durante um período as ruínas, situada em uma das principais praças da cidade, funcionou como um lembrete das falhas dos responsáveis pela construção desse templo e, provavelmente, também do desânimo sobre as expectativas não atingidas.

Em oposição, com a decisão se encaminhando em direção a um projeto de linguagem modernista, a crônica de Aderbal de França (A Catedral, 1967, P. 7), classificou a nova ideia como “infeliz”. O autor argumenta que a pressa por uma “solução rápida” desonrava o passado. A crítica destaca o espanto de se construir algo com estrutura de “ginásio desportivo” no mesmo local onde o Padre João Maria havia lançado alicerces e colunas monumentais há mais de meio século. Enquanto a Igreja focava na funcionalidade e na economia de tempo e dinheiro, os críticos, como Januário Cicco, lamentavam a perda da mística das “caminhadas triunfais” e do esforço comunitário de outrora, sentindo que a nova tipologia de arquitetura ignorava as paredes e os sacrifícios que tanto custaram aos pastores anteriores.

Essa situação demonstra a disputa entre dois imaginários sobre a Catedral. O primeiro, adaptado ao tempo, da necessidade de uma construção rápida, prática e funcional de arquitetura moderna, alinhada com o ideal de progresso difundido na época e adequada para suprir a necessidade imediata da população. Por outro, o imaginário da catedral como uma obra de arte, algo místico, que exigia um projeto mais complexo, rebuscado e de maior apelo estético como uma maneira de manter uma tradição.

O imaginário da modernidade suscita debates à medida que diferentes projetos de linguagem modernista passam a ser apresentados. O primeiro deles, elaborado por alunos de Engenharia da Faculdade de Pernambuco, foi destacado pelos periódicos como tendo sido bem recebido por setores da Arquidiocese, sobretudo por sua capacidade de dialogar com a paisagem local: “se enquadra na paisagem da cidade, pois dá a ideia de três dunas, como panorama de fundo. E uma das condições da moderna arquitetura é que a obra se enquadre na paisagem”. No entanto, a proposta também foi alvo de críticas, sendo comparada a um “galpão” e considerada inadequada à imagem de um “templo católico” (A Catedral, 1968, p. 8)

Esse tipo de crítica reaparece de forma mais contundente na posição do arquiteto João Maurício Miranda, que classifica o projeto como “anti-estético”. A tensão se intensifica em 1968, quando o projeto apresentado pelo próprio Miranda, embora caracterizado pela imprensa como “o melhor projeto para a catedral”, é recusado pela Arquidiocese por ser incompatível com o orçamento previsto. Em entrevista, o arquiteto manifestou sua inconformidade ao questionar como se pretendia construir um templo religioso sem “qualquer valor artístico” (Melhor projeto para a Catedral foi recusado pela Arquidiocese, 1968, p. 8).

A penúltima proposta para a Catedral foi apresentada em 1971 pelo desenhista Luciano Toscano. O projeto recebeu avaliações positivas, tendo sua qualidade estética elogiada e sendo descrito pela imprensa como uma obra de “grande beleza” (Reportagem: Paulo Macedo, 1971, p. 2a). No entanto, a existência de falhas urbanísticas e arquitetônicas inviabilizou sua execução.

Esse projeto é particularmente significativo por evidenciar a centralidade que as questões urbanísticas passaram a assumir no debate sobre a construção da Catedral naquele período. Tal ênfase gerou estranhamento e resistência por parte da população, percepção que pode ser observada na crônica de Aderbal de França escrita no contexto da proposta de Toscano. O cronista manifesta impaciência e desesperança diante da constante postergação da obra e explicita o conflito entre os campos do urbanismo e da religião, ao afirmar: “Discute-se agora outro projeto. Religião *versus* urbanismo. Vai se enterrar a Catedral. Não subirá para a amplidão do céu, descerá aos apertos da terra” (França, 1971, p. 2).

Por fim, em 11 de dezembro de 1972, o projeto de Marconi Grevi é apresentado pelos meios de comunicação como “muito simples” descrito como “se norteia exclusivamente em três princípios básicos: estrutura, estética, e a função” correspondendo assim ao programa solicitado pela nova liturgia do Vaticano II e os princípios-base da arquitetura moderna (Projeto da Catedral será muito simples, 1972, p. 7a.).

A matéria aponta ainda a visão negativa que os ornamentos passaram a assumir nesse contexto “nada de revestimentos caros e materiais supérfluos”. Ainda assim, o texto não deixa de ressaltar as estratégias utilizadas no projeto que se remetem ao simbolismo da religião como “a parte externa da cobertura, incluídas para o alto, simboliza a elevação do homem à Deus, lembrando o infinito” (Projeto da Catedral será muito simples, 1972, p. 7a.). A proposta foi aprovada em maio de 1973.

No decorrer do processo de escolha da nova arquitetura para a Catedral foi possível observar que os restos da catedral neorromânica tornaram-se parte da paisagem em uma cidade que se modernizava, chegando a integrar, inclusive, a decoração natalina de 1971 (Prefeitura concluindo a decoração natalina, 1971, p.3). Essas ruínas podiam ser símbolo de múltiplas lembranças: Ora um projeto que se tornou ultrapassado antes mesmo da sua conclusão, ora de uma expectativa não realizada da construção de um grande centro religioso nacional, como desejava Aderbal de França. Ora um símbolo do sonho do Padre João Maria que por anos parecia desrespeitado; ou ainda do trabalho de D. Eugenio, Bispo Auxiliar no período do início da construção da Catedral Neorromânica.

Além disso, adicionou a composição da paisagem urbana de Natal: ruínas da inacabada catedral. É particularmente notável, uma vez que teve uma parte significativa executada e, posteriormente, abandonada: “[...] o prédio da nova Catedral está parado há vários meses. O mato daninho cresce no interior dos muros [...]” (Riqueza e Amizade, 1964, P. 5). Há uma clara mudança de perspectiva ao longo dos vinte anos em que a obra permaneceu paralisada, devido, podemos supor, à maior popularidade da estética modernista e à alteração das diretrizes do Concílio Vaticano II, as paredes levantadas passaram de “majestoso edifício”.(A Catedral, 1955, p.7) a um “problema permanente” (O problema permanente, 1972, p. 1) e um “monstrengo construído há alguns anos pela arquidiocese” (Monstrengo sagrado ocupa toda a praça, 1972, P. 5a). Em decorrência da maior popularização da estética modernista e da mudança das diretrizes do Concílio Vaticano II, nas políticas desenvolvimentistas do governo de Juscelino Kubitschek e também do crescimento de Natal como cidade. Em junho de 1973, um mês da aprovação do

projeto de Marconi Grevi, O Diário de Natal anuncia a demolição das ruínas com a notícia intitulada “Catedral começa a cair no dia 22”²⁵.

Considerações finais

A modernização das cidades brasileiras entre o último quartel do século XIX e início do século XX mobilizaram uma miríade de imaginários urbanos dicotômicos, ora de ruptura, ora de continuidade, todos sobre a mesma localidade. A tensão entre tradição e modernidade se manifesta de modos diversos nas centralidades e periferias do capitalismo, não por acaso as “ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias” se torna uma constatação patente de como a reprodução do espaço encontra limitações das periferias e se metamorfoseia em uma entidade simbólica única, ricamente regional. Agentes políticos e sociais atuam como anticatalisadores da materialização dos imaginários homogeneizantes sobre a cidade: projetos caducam antes mesmo de serem finalizados, ainda que os processos simbólicos tenham o mesmo ritmo e desejo de sintonizar com os imaginários urbanos das centralidades. As ruínas de um dia, precoces, revelam que a cidade periférica se alimenta das mesmas fontes, mas sua irrupção de mudança encontra na velocidade da materialização uma barreira para acompanhar o ritmo dos centros.

A Catedral, inicialmente concebida como um símbolo de progresso e grandiosidade, tem em sua versão precocemente arruinada a manifestação das dificuldades enfrentadas pelas cidades periféricas brasileiras em conciliar o imaginário de modernização com a letargia da mudança para a materialidade. A transição das arquiteturas historicistas (no caso, neorromânica e também do projeto neogótico) para o modernismo, impulsionada pelas novas diretrizes do Concílio Vaticano II e pelo desenvolvimento simbólico promovido pelo governo de Juscelino Kubitschek — via o modernismo arquitetônico irradiador da nova capital, Brasília — reforçam como os estilos arquitetônicos, para além de representar tendências estéticas, dialogam com as questões sociais, políticas e religiosas do seu tempo.

A relevância dos espaços de culto, enquanto locais formadores de subculturas tendo a religião como um de seus aspectos principais (Geertz, 1989), se associa ainda ao poder simbólico que estes representam ao conferir um “sentido” do e no mundo (Bourdieu, 1989). O processo de construção da Catedral definitiva se insere no universo que Silveira (2011, p.5) constatou: as demolições de igrejas antigas no Brasil por versões modernizadas durante as décadas de 1940–1960 atendem a uma crença de que estas serão irradiadores da modernidade. Esta hipótese elaborada por Silveira dialoga com a aqui proposta: a obsolescência da construção inacabada, alçada ao *status* de “ruína de um dia”, é indicio da emergência de uma nova perspectiva política, social, econômica e cultural e que não se representa mais na edificação previamente imaginada. Sendo um edifício utilizado como referência espacial no tecido urbano, o destaque dado às igrejas também é tido como “um termômetro da modernidade e do progresso local em diversas cidades brasileiras”, que deveria ““espelhar” a importância da cidade na rede urbana regional” (Silveira, 2011, p. 17-20).

É recorrente na historiografia da cidade do Natal o resgate da máxima de Câmara Cascudo “Natal é uma cidade sempre nova” para reconhecer a efemeridade do imaginário urbano o qual os

²⁵ CATEDRAL COMEÇA A CAIR NO DIA 22. Diário de Natal, Natal/RN. 07 de junho de 1971. P. 3. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=%22Nova%20Cathedral%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4779. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

cidadinos se reportam. A Catedral sonhada pelo Padre João Maria se metamorfoseou imageticamente ao longo de (conjectura-se) setenta anos, prazo o suficiente para suscitar projetos serem desenvolvidos e abandonados, por rapidamente se tornarem caducos frente às influências culturais, sociais e econômicas que moldaram as decisões que por fim materializaram o templo.

A análise do processo que envolveu a construção, o abandono e a demolição da Catedral Neorromânica revelou como essas fases refletiram e moldaram o imaginário coletivo da cidade. A partir da narrativa factual, baseada em representações e imaginários das decisões institucionais que concretizaram a estrutura física; e a simbólica, que utiliza fontes jornalísticas para reconstruir o cenário de tensões e expectativas humanas que envolveram a criação da Catedral, em um período marcado por intensas mudanças socioculturais e políticas no Brasil. Os periódicos utilizados como fontes primárias revelaram as disputas da sociedade natalense sobre o simbolismo da Catedral ao longo dos anos.

Do entusiasmo inicial para a crítica crescente ao abandono da obra inacabada apontam-se as tensões entre a expectativa de progresso e a realidade de um projeto que não foi concluído. Quando Roger Chartier (1990, p. 134) discute a importância das práticas culturais e das representações, é possível associar ao contexto natalense, em que o tema da Catedral suscita — ainda que de modo subjacente — o papel das disputas políticas, das mudanças de prioridades e de imaginários modernos na definição do espaço urbano, culminando na eventual demolição das ruínas em 1972, que marcam o fim de um capítulo na história da capital potiguar.

Agradecimentos:

Este artigo integra o projeto de pesquisa intitulado “Ruínas & Escombros da Modernidade: Arquitetura, Reformas e Cultura Urbana”, vinculado ao Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo (HCUrb/UFRN). As autoras agradecem ao grupo de pesquisa, à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão das bolsas de doutorado e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de Iniciação Científica.

Referências:

A CATEDRAL. A República, Natal/RN. 26 de agosto de 1967, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/031151_01/3036. Acesso em: 19 de janeiro de 2026.

A CONDESSA DESCALÇA. O Poti, Natal/RN. 22 de maio de 1956, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/031151_01/4603. Acesso em: 20 de janeiro de 2026.

CAMPANHA POPULAR PRÓ CONSTRUÇÃO DA CATEDRAL. O Poti, Natal/RN. 12 de outubro de 1955, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/031151_01/3132. Acesso em: 20 de janeiro de 2026.

AGUIAR, Moreira. **Nova Catedral.** O Diário de Natal, Natal/RN. 06 de abril de 1955. P. 07. Crônica Matinal. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=031151_01&pasta=ano%20195&pesq=%2206%20de%20abril%20de%201955%22&pagfis=1770. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

AUXÍLIO MENSAL DE 10 MIL CRUZEIROS PARA AS OBRAS NOVA CATEDRAL DE NATAL. O Poti, Natal. 04 de Novembro de 1955, p. 4. Movimento do Foro. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/031151_01/3280. Acesso em: 18 de janeiro de 2026.

BISPO LANÇA CAMPANHA DA NOVA CATEDRAL. A Ordem, Natal/RN. 26 de agosto de 1967, p. 6. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=764051&pagfis=26644>. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

CATEDRAL FUNCIONAL. A ordem, Natal. 11 de junho de 1966, p. 3. Natal Sem Segredos. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/764051/26209>. Acesso em 18 de janeiro de 2026.

CATEDRAL TERÁ PRIMEIRA ETAPA CONCLUÍDA EM 1978. O Poti, Natal. 02 de julho de 1978. p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/031151_03/8562. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**—entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990 [original: 1982].

CONFIRMADO: ANTEPROJETO DA CATEDRAL NÃO SERÁ APROVADO. O Poti, Natal/ RN. 26 de setembro de 1971. P. 1. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/028711_02/4221. Acesso em: 18 de Janeiro de 2026.

DESENHO DA CATEDRAL JÁ ESTÁ PRONTO E PODE SER APROVADO PELA COMISSÃO. O Diário de Natal, Natal. 16 de janeiro de 1968. P. 3. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=%22Cathedral%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22611. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

FRANÇA, Aderbal. **A Nossa Catedral....** A República, Natal/ RN. 15 de janeiro 1936, p.08. Sociais.

FRANÇA, Aderbal. **Quando teremos a nossa catedral....** O Diário de Natal, Natal/RN. 15 de abril de 1952a, p.04. Crônica Social. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=%22Cathedral%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=36684. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

FRANÇA, Aderbal. **O sonho do padre João Maria....** O Diário de Natal. Natal/RN, 03 de maio 1952b, p.03. Crônica Social. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=%22Cathedral%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=36781. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

FRANÇA, Aderbal. **A Cathedral....** O Diário de Natal, Natal/RN. 06 de setembro de 1967, p.07. Crônica Social. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pagfis=21897. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

FRANÇA, Aderbal. **Sem título.** O Diário de Natal, Natal/RN. 05 de outubro de 1971. P. 2. Crônica Social. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=%22Nova%20Cathedral%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4286. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.** In _____. **Mitos, Emblemas e Sinais.** São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

GORELIK, Adrián. **Imaginarios urbanos y imaginación urbana.** Para um recorrido por los lugares comunes de los estudios culturales urbanos. In: _____. **Miradas sobre Buenos Aires,** historia cultural y crítica urbana. Buenos Aires: 2004

HELL, Julia; SCHONLE, Andreas (orgs.). **Ruins of Modernity.** Durham, NC, USA: Duke University Press, 2010.

INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DA CATEDRAL SERÁ HOJE. Diário de Natal, Natal. 23 de maio de 1973, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/028711_02/8205. Acesso em: 18 de janeiro de 2026.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1935].

MELHOR PROJETO PARA A CATEDRAL FOI RECUSADO PELA ARQUIDIOCESE. Diário de Natal, Natal. 07 de agosto de 1968. P. 8. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pagfis=23746. Acesso em: 18 de janeiro de 2026.

MIRANDA, João M. F. de. **380 anos de história fotográfica de Natal, 1599-1979.** Natal, UFRN: Universitária, 1981.

O PROBLEMA PERMANENTE. A CATEDRAL. Diário de Natal, Natal/RN. 22 de setembro de 1972, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/028711_02/7421. Acesso em: 20 de janeiro de 2026.

PROSSEGUEM OS TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO DA NOVA CATEDRAL. O Poti, Natal. 18 de maio de 1956, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/031151_01/4584. Acesso em: 18 de maio de 1956.

PREFEITURA CONCLUINDO A DECORAÇÃO NATALINA. Diário de Natal, Natal/RN. 13 de dezembro de 1971. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=%22Nova%20Cathedral%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4779. Acesso em: 18 de janeiro de 2026

PROJETO DA CATEDRAL SERÁ MUITO SIMPLES. Diário de Natal, Natal. 4 de junho de 1972, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/028711_02/8205. Acesso em: 18 de janeiro de 2026.

REPORTAGEM: PAULO MACEDO. Diário de Natal, Natal/RN. 22 de setembro de 1971, p. 2a. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/028711_02/4198. Acesso em: 20 de janeiro de 2026.

RIQUEZA E AMIZADE. A Ordem, Natal/RN. 14 de março de 1964, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/764051/25311>. Acesso em: 20 de janeiro de 2026.

SARLO, Beatriz. **Uma modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930**, Buenos Aires: Siglo XXI, 1988.

SCHUBERT, G. (1964). **Arquitetura Sacra e Renovação Litúrgica.** *Revista Eclesiástica Brasileira*, 24(3), 699–711. <https://doi.org/10.29386/reb.v24i3.5147>

SERÁ CONSTRUÍDA A NOVA CATEDRAL. O Poti, Natal. 23, março de 1955, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/031151_01/1675 . Acesso em: 18 janeiro de 2026

SILVEIRA, Marcus Marciano Gonçalves da. **Templos modernos, templos ao chão: a trajetória da arquitetura religiosa modernista e a demolição de antigos templos católicos no Brasil / Marcus Marciano Gonçalves da Silveira.** — Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. -- (Coleção Historiografia de Minas Gerais. Série Universidade).

SOUZA, Itamar de (2001). **Av. Deodoro: A Praça Pio X: Projeto Ler.** [Fascículo 15 da coleção Nova História de Natal]

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Democracy in America.** Tradução: Henry Reeve. LONDON: SAUNDERS AND OTLEY, CONDUIT STREET, 1835. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/815/815-h/815-h.htm>

YABLON, Nick. **Untimely Ruins: An Archaeology of American Urban Modernity, 1819–1919.** Chicago: University of Chicago Press. 2009.